

**SOMBRAS DE UMA VIAGEM: MARIA PAULA FLEURY E AS REPRESENTAÇÕES
LITERÁRIAS SOBRE CULTURA E SOCIEDADE NA CIDADE DE GOIÁS
(1896-1966)**

Raquel Miranda (UFG/UEG)

Professora Mestre do Curso de História da Universidade Estadual de Goiás, Campus/Cora Coralina.

m-barbosa1976@bol.com.br

138

RESUMO: Este artigo apresenta, analisa e dialogar duas obras literárias que elegem a cidade de Goiás como objeto de representação literária e histórica de modo peculiar. As obras memorialistas publicadas no início do século XX, normalmente, exaltam a cidade de Goiás e seus valores. Neste caso, é curioso como a autora desconstrói tais expressões por motivos exteriores àqueles que motivam os goianos, pois, no seu caso, para um olhar forasteiro. A primeira obra, organizada por Maria Paula Fleury, *Do Rio de Janeiro a Goiás- 1986 (A viagem era assim)*. Porém, escritos de um diário de sua mãe, Augusta de Faro Fleury Curado, conta-nos como foi realizar uma viagem pelo interior do país em fins do século XIX. A segunda obra, de autoria da protagonista que é membro da Academia Feminina de Letras de Goiás – AFLAG reúne, em contos, metáforas expressivas de realismo particular sobre o lugar de sua chegada, na infância, anos mais tarde. Articular as influências culturais, herdadas e materializadas por sua mãe nesse diário, em alguma medida, influenciaram na organização de tal obra, e, de certa forma, na produção de *Sombras*, em 1966. Realizar o diálogo entre as obras, bem como ressaltar a “contramão” da visão da autora sobre a cidade de Goiás e as confluências entre estas obras, são objetivos deste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Cidade de Goiás, Forasteiro, Representações.

ABSTRACT: This paper presents , analyzes and dialogue two literary works that elect the city of Goiás as an object of literary and historical representation in a particular way . The memoir works published in the early twentieth century usually extol the city of Goiás and their values . In this case, it is curious how the author deconstructs such expressions by those outside that motivate goianos reasons as in your case, an outsider looking hangs. The first work organized by Maria Paula Fleury From Rio de Janeiro to Goiás - 1986 (The trip was well). However, written a diary of his mother Augusta Faro Fleury Curado tells us how it was taking a trip through the interior of the country in the late nineteenth century. The second work, written by the protagonist who is a member of the Women's Academy of Letters Goiás - Aflag, meet in stories, metaphors of particular expressive realism about the place of your arrival, in childhood, years later. Articulate the cultural influences inherited by his mother and materialized in this diary, to some extent, influenced the organization of such work, and somehow, in the production of *Shadows* in 1966. Perform the dialogue between the works and to underscore the "counter to" the

vision of the author about the city of Goiás and the confluences between these works are goals of this article.

KEYWORDS: Literature, City of Goiás, Outside, Representations.

Considerações Iniciais

Registrar uma viagem não é uma tarefa inusitada. Um dos registros da colonização do Brasil foi escrito por Pero Vaz de Caminha, o qual fora incumbido de narrar ao rei de Portugal sobre o que existia nas terras do além mar. Este documento¹, ao ser lido hoje, nos remeterá à perspectiva das aspirações do poder dominante sobre os “novos” domínios. A presente carta retrata a visão do europeu sobre si e sobre o mundo que ora vislumbrava e, após o contato visual com as riquezas e as culturas locais, clarifica-nos, ao longo da narrativa, as aspirações dominantes.

Remontamo-nos ao exemplo acima para situar o objeto deste estudo: literatura em viagem. Tal prática fez-se bastante comum entre os naturalistas na primeira metade do século XIX. Porém, quando tratamos de viagens privadas para o interior de Goiás, nesse período, com a peculiaridade do relato ser de uma mulher, o objeto se singulariza.

Diferentemente do relato em estudo, destacamos que naturalistas, a convite das autoridades políticas imperiais, objetivando mapear o “exótico” da fauna e da flora em solo brasileiro, custeados também por governos europeus, no auge do cientificismo, deixaram um legado documental de dados que ainda hoje norteiam estudos sobre Goiás e o interior do Brasil, transversalmente pelo olhar desses homens.

Já a perspectiva deste estudo converge na percepção de como o olhar dessas mulheres forasteiras ora converge para o sentimento depreciativo sobre Goiás, igualmente, visto nos relatos dos viajantes europeus; ora, no caso das protagonistas deste estudo, sublima sentimentos pessoais “rejeitando” o lugar vivido, certamente, motivadas pela insatisfação da realidade de que ali seria uma morada definitiva, principalmente, de D. Augusta.

Esses conflitos marcam a dualidade ambivalente que baliza os registros dos naturalistas que atribuíram à Goiás as dicotomias entre o paraíso e o inferno. Essa mesma

¹Ver documento em Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em:
<http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf>. Acesso: 26 jul. 2013

direção é seguida nas obras em estudo quando a ideia de atraso e progresso, com relação a Goiás e o Rio de Janeiro, marcam os relatos de D. Augusta², seguidos por Maria Paula³, principalmente em *Sombras*. Sob essa ótica, não poderíamos deixar de mencionar que tais discursos forjaram uma imagem negativa sobre Goiás, sendo em alguma medida justificativas para as intervenções políticas, ocorridas nos anos de 1930, que sucumbiram na transferência da capital da antiga “Goiás Velha”⁴ para o símbolo da “modernidade”: a cidade de Goiânia.

Destacamos a visão de Maria Paula sobre uma cidade goiana, lugar onde se passam as experiências da personagem do conto *Sombras* com relação aos espaços e a cultura local. Pela representação discursiva dada no trecho abaixo, fundamentamos as reflexões que norteiam este artigo:

Felizmente, fez um sol pálido e furtivo e o dia me pareceu menos triste. Sempre me apraz visitar mortos, conhecidos ou não. Enquanto isto, na cidade silenciosa e triste, com suas pesadas casas brancas hermeticamente fechadas quais grosseiros túmulos enormes, parece, realmente um cemitério dos vivos⁵.

O excerto acima reforça o diálogo com os discursos dos viajantes. Destacamos, aqui, as impressões de Saint-Hilaire, ressaltando suas subjetividades sobre Vila Boa, as quais aparecem no contexto do fragmento abaixo. Para nós, confirma-se a evidência de que muitos dos olhares pejorativos, a exemplo dos citados, embasaram ações que, possivelmente, repercutiram nas tramas históricas locais das quais cada um desses sujeitos foi protagonista a seu tempo e a seu modo. Assim, para o referido viajante, nas primeiras décadas do século XIX:

Unicamente a presença do ouro em suas terras determinou a fundação de Vila Boa, pois essa vila, localizada (...) numa região estéril e afastada de todos os rios atualmente navegáveis, dificilmente estabelece comunicação com outras partes do império brasileiro. Não tem nem mesmo muita salubridade, e não tardaria a ser abandonada se nela não ficasse localizada a residência de todo o corpo administrativo da província⁶.

² CURADO, Augusta de Faro Fleury. *Do Rio de Janeiro a Goiás (1896): a viagem era assim*. Goiânia: Kelps/UCG, 2005.

³ GODOY, Maria Paula Fleury. *Sombras*. Contos. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1966.

⁴ Termo incorporado pela memória coletiva goiana, exceto, pelos moradores da Cidade de Goiás.

⁵ GODOY, Maria Paula Fleury. *Sombras*. Contos. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1966, p. 150.

⁶ SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem à Província de Goiás (1779-1853)*. Trad. Regina Regis Junqueira, apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975, p. 50.

O fragmento acima clarifica-nos o valor do oficial para a existência do lugar. Conquanto não é nosso objetivo realizar, especificamente, análises sobre os relatos dos viajantes europeus e suas valorações. Destacamos neste fragmento, por sua vez, que a cultura entrecruzada ao discurso sustém-se nas construções representativas, cabendo à história repensar “as representações manipuláveis hoje em dia e as práticas passadas que elas designam”⁷. Portanto, destacamos que a finalidade de problematizar essas representações discursivas, as quais se deslocam dos processos históricos, faz-nos dar sentido às práticas, às formas e às representações que se reconstituem numa trama móvel que só tem sentido quando buscamos, mesmo em tom lacunar, redizer o passado.

Destacamos, ainda, que as memórias dos viajantes e dos colonizadores europeus tiveram sua importância no campo das fontes, embora, à luz da História Cultural, pudéssemos revisitá-las teórica e historicamente, revisando tais discursos. Este é o exercício que propusemos com as obras literárias já mencionadas. A finalidade de dar voz ao discurso literário feminino, também “estrangeiro”, torna-se outro diferencial deste estudo que merece, mais uma vez, ser destacado.

Ao retratar, em memórias, o traslado da sua família durante a vinda e a posterior permanência na cidade de Goiás, em fins do século XIX, D. Augusta Fleury, seguida pela discípula, Maria Paula Fleury Godoy, sua filha, nos leva a enxergar um diálogo sincrônico entre essas mulheres por meio de suas obras. Vir para Goiás no auge da chamada política oligárquica, manifestar “repúdio” a uma cidade que agrega a família Fleury nesse cenário de poder suscitam ainda mais questionamentos baseados, alguns deles, em: Quem são essas mulheres? Quais bases norteiam suas concepções? Em que medida tais concepções nortearam discursos legitimadores de ações que “outras” elites desencadearam em Goiás nas primeiras décadas do século XX? Essa família se manteve neutra no campo de tais disputas? Tentaremos responder algumas destas inquietudes e, possivelmente, dilatar outras reflexões, visando à extensão deste caminho para direções futuras.

Assim, ora inquietados pelo intuito de visitar a história nas vias da historicidade, dos conflitos, dos enfrentamentos, das incongruências que se dão neste mosaico de práticas

⁷ CHARTIER, Roger. *História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1987, p. 86.

tangíveis no campo social, capturamos, neste jogo dos relatos, das palavras e das subjetividades, meios para as cadências dos olhares e das interpretações que visam agregar-se ao campo dos estudos historiográficos sobre Goiás. Nesse sentido, as bases teóricas e metodológicas encaminham: “Os modelos de interpretação, que o historiador aplica às fontes para fazê-las fluir e para revelar o conteúdo dos fatos, devem ser discutidos à base da configuração de suas teorias, a forma pela qual correspondem aos princípios da metodização do pensamento histórico”⁸⁹.

Ainda sob a ótica dos apontamentos de Rösen¹⁰, salientamos que “o conhecimento histórico não é construído apenas com informações das fontes, mas as informações das fontes só são incorporadas nas conexões que dão o sentido à história com a ajuda do modelo de interpretação, que por sua vez não é encontrado nas fontes”. Portanto, a crise dos paradigmas descortinou a nós, historiadores, possibilidades de interpretar a história pelo campo dessas variáveis e suas variantes, muitas vezes não aparentes diretamente, no que tange ao propósito central deste estudo: articulações entre a história e as representações dadas por meio da literatura regional, simultaneamente.

Releituras de um Diário

A obra *Do Rio de Janeiro a Goiás - 1896 (a viagem foi assim)*, organizada por Maria Paula Fleury de Godoy e escrita por sua mãe, Augusta de Faro Fleury Curado, relata um trajeto que começa em vinte e três de agosto de 1896 e termina cinquenta e oito dias depois da partida na então capital do país, Rio de Janeiro. A descrição densa desse trajeto permeia os relatos diários de uma mulher culta, de refinada ironia, porém, de um compromisso indelével com seu papel de esposa.

Sobre os aspectos de gênero, não aprofundaremos neste artigo. Entretanto, algumas nuances sombrearão parte das reflexões primordiais que se localizam aportadas no conceito de memória, categoria de análise imprescindível às concepções interpretativas que faremos nesta

⁸ RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado: Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica*. Tradução: Asta-Rose Alcaide. 1ª reimpressão, Brasília: Ed. UnB, 2010, p. 25.

⁹ RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado: Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica*. Tradução: Asta-Rose Alcaide. 1ª reimpressão, Brasília: Ed. UnB, 2010, p. 25.

¹⁰ RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado: Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica*. Tradução: Asta-Rose Alcaide. 1ª reimpressão, Brasília: Ed. UnB, 2010, p. 25.

primeira parte do estudo. Priorizaremos os discursos sobre Goiás, trazidos nos relatos do diário, publicado e organizado por Maria Paula, apresentando como, possivelmente, tais memórias e vivências refletidas nas subjetividades, de forma mais explícita, em suas próprias produções literárias, com destaque aqui para a obra *Sombras*.

Nesta narrativa que contempla o itinerário de viagem em estudo, encontramos um discurso marcado por sensibilidades que envolvem, a nosso ver, a perda. Sair do Rio de Janeiro e ir para Goiás simbolizava, para D. Augusta, a ruptura entre mundos distintos e uma vida de dificuldades e isolamento que a esperava. No prefácio da obra, Maria Paula afirma que o “sacrifício” da mãe era visto e recompensado pelo pai, Sebastião Fleury de Curado, de maneiras diversas. Portanto, segundo a apresentação do livro, Maria Paula afirma:

Meu pai fez o possível para que Mamã tivesse bem estar. Construiu uma bela casa, maravilhosamente situada, com grande biblioteca, piano, rádio, etc., tudo quanto de bom aparecesse em Goiás, meu Pai, espírito culto e amante do conforto, procurava adquirir, tentando, na medida de suas forças, amenizar o exílio de minha mãe¹¹.

As palavras da autora nos demonstram um conjunto de observações que podemos fazer sobre a vida da família Fleury e de sua matriarca. A referida casa pode ser considerada como um referencial imponente entre a arquitetura urbana que compõe o conjunto paisagístico da Cidade de Goiás, sobrevivendo ao tempo e localizado no alto de um morro, ao lado do Rio Vermelho, ainda nos dias atuais.



Fig. 1: Obra *Chácara Baumam*, Di Magalhaes, óleo sobre tela:60 x 80. Foto: Di Magalhaes.

¹¹ GODOY, Maria Paula Fleury. Apresentação. In: CURADO, Augusta de Faro Fleury. *Do Rio de Janeiro a Goiás (1896): a viagem era assim*. Goiânia: Kelps/UCG, 2005, p. 20.

Salientamos, no excerto citado que os bens móveis adquiridos para o conforto e o prazer de D. Augusta denunciam o poder aquisitivo, o lugar social que ela ocupava na cidade e a erudição incontestada dessa mulher em tempos que a educação não era um privilégio da maioria das mulheres. Esse saber reforça mais uma vez o lugar elitista que D. Augusta ocupou, não apenas por vias do casamento.

A literatura, a música, a escrita, as flores e os afazeres domésticos permeavam o cotidiano dessa família, parcialmente forasteira, sedimentada entre os pertencentes da “fina flor” da sociedade vilaboense do entre século. A expressão “tudo de bom que aparecesse” reflete-nos a ideia preconcebida sobre Goiás como lugar onde dificilmente fosse possível encontrar algo com tal classificação. Reafirmamos isso pelo fato de que, ainda para Godoy¹², a representação constituída em seu discurso sobre Goiás reflete-nos a clara ideia de que neste “sertão” fosse certamente algo raro:

Goiás, no começo do século, era uma cidadezinha triste, sem iluminação, sem água encanada, sem o menor conforto, afinal, e que ficava no ‘fim do mundo...’. O correio, conduzidas as malas em lombos de bestas, levava, às vezes, quase um mês para transportar a distância imensa que separava a velha capital da mais próxima linha férrea. As estradas eram péssimas e se tornavam intransitáveis durante os seis longos meses de inverno goiano¹³.

O conceito, ou melhor, o preconceito sobre Goiás, para a autora, a nosso ver, está explícito. As balizas de valoração do lugar são baseadas nas vivências da matriarca, D. Augusta, no Rio de Janeiro, certamente transferidas à filha, Maria Paula Fleury de Godoy, nos ajudam a compreender esta forma de historicidade que elegemos como objeto para esta análise. Por sua vez, nos transparece a reprodução de um discurso do “ouvir contar”, em que as “descontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, idiossincrasias, relatos pitorescos”¹⁴. Assim, destacamos que as subjetividades são fatores determinantes na análise do fato ou, como é o caso em estudo, da representação sobre um lugar e como esta tessitura das memórias do passado é construída, discursivamente,

¹² GODOY, Maria Paula Fleury. Apresentação. In: CURADO, Augusta de Faro Fleury. *Do Rio de Janeiro a Goiás (1896): a viagem era assim*. Goiânia: Kelps/UCG, 2005.

¹³ GODOY, Maria Paula Fleury. Apresentação. In: CURADO, Augusta de Faro Fleury. *Do Rio de Janeiro a Goiás (1896): a viagem era assim*. Goiânia: Kelps/UCG, 2005, p.17.

¹⁴ ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar: textos em História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.14.

nas obras: *Do Rio de Janeiro a Goiás 1896 (a viagem era assim)* e *Sombras*, escrito em 1966, que nos oferecem referenciais de indagações do passado sob a perspectiva de releitura.

Percebe-se ainda, hermeneuticamente falando, que D. Augusta oscilava entre as ações de vivenciar e observar. Portanto, afirmamos que sua interação com o espaço vivido era parcial, pois identificamos alguns indícios destes elementos que capturamos desde a posição geográfica de sua casa - com vista panorâmica para a cidade - reforçando o lugar consciente da protagonista em relação ao espaço vivido. A posição de expectadora, na maioria das vezes, imersa em um mundo particular, era regada por poucos trânsitos que, segundo Godoy¹⁵, se davam pela posição social do marido, político atuante e advogado, cuja casa era um reduto de discussões com outros homens “importantes” da cidade. Nas outras ocasiões, se davam pelas práticas religiosas de “mulher modelar”, quando ia às missas e aos festejos religiosos locais, segundo o texto de Maria Paula, nas páginas da apresentação do diário da mãe, por ela organizado.

Desse modo, apresentamos como *o fato* - a viagem do Rio de Janeiro para Goiás e *a representação* - a visão de mundo de uma mulher forasteira, sobre o percurso que a levava para a cidade de Goiás, lugar em que moraria pelo resto de sua vida -, se justapõem, abrindo-nos a problematização que possibilita compreender as fissuras do passado. Por meio destes interlocutores que estabelecem-se, nestes relatos de memória, um jogo de palavras que evidencia o olhar de fora, a fala do sujeito e a percepção da cultura local, numa trama relida em outras representações coletivas, criadas em outros tempos, em outros espaços, por outros “forasteiros” viajantes que, em alguma medida, apresentam um legado escrito que evidencia, a nós hoje, o rompimento apenas da fronteira física no conhecimento sobre o outro.

Não desconsideramos as dificuldades estruturais do Estado de Goiás naquela época, em comparação com o Rio de Janeiro, cidade de origem das protagonistas. Porém, essa realidade não era uma situação singular do Estado de Goiás e sim de uma conjuntura política que imperava no Brasil quando havia “migrado” para um sistema de governo, denominado pela historiografia, como *República Velha* ou *República Oligárquica*.

¹⁵ GODOY, Maria Paula Fleury. Apresentação. In: CURADO, Augusta de Faro Fleury. *Do Rio de Janeiro a Goiás (1896): a viagem era assim*. Goiânia: Kelps/UCG, 2005.

De acordo com os estudos da historiografia goiana tradicional, Goiás vivenciou, ainda nesse período, a *decadência*, atribuída ao arrefecimento da exploração aurífera, que obteve seu auge no século XVIII. Assim, esta transição econômica da mineração para a agropecuária, no século XIX, não obteve uma reversão da economia local comparada à realidade dos impactos do *boom* econômico ocorrido durante a exploração aurífera. Apresentamos esse paralelo para afirmar que as soluções históricas duais de compreensão não perpassam, analiticamente, pela corrente da historiografia revisionista que busca explicar as “insolúveis” temporais, culturais e transitórias, entrecruzando a imagem do real ao seu reflexo:

Ao mesmo tempo funciona como imagem invertida, dá lugar a falta e a esconde; cria estes relatos do passado que são o equivalente dos cemitérios nas cidades; exorciza e reconhece da morte no meio dos vivos. Representando nas duas cenas, ao mesmo tempo contratual e legendária, escrita performática e escrita em espelho, ela tem o estatuto ambivalente de “fazer história”, como mostrou Jean-Pierre Faye e, não obstante, de “contar história” de impor as violências de um poder e de fornecer escapatórias. Tornando precisos alguns aspectos da construção historiográfica, as relações de diferença e de continuidade, que a escrita mantém com uma disciplina de trabalho, podem aparecer melhor, mas também sua função social como prática se evidenciará com maior clareza¹⁶.

Reafirmamos a direção desta perspectiva na construção dos binômios *decadência e isolamento* que se engendraram em discursos estabelecidos pelas formas de poder. Exemplificamos os relatos dos viajantes que estiveram em Goiás, na primeira metade do século XIX, revestidos de juízos de valor baseados, em primeiro lugar, nos julgamentos precipitados sobre os hábitos e os costumes culturais e conjecturais dos goianos sem qualquer parcimônia. Em segundo lugar, esse mundo da vida era visto como um laboratório para além dos interesses da ciência, pois segundo Andrade¹⁷, esses homens mapeavam as potenciais riquezas, informavam das dificuldades concernentes às doenças e febres tropicais, a fauna, à geografia e aos seus desafios para uma possível exploração colonial aos moldes “modernos”. Certamente, este indício explica-nos o uso da iconografia como uma produção inseparável da maioria dos relatos destes estrangeiros.

¹⁶ CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel – 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006, p. 95.

¹⁷ ANDRADE, Karylleila dos Santos. Saint-Hilaire, Pohl, Gardner e Castlenau: a exoticalização da província de Goiás e a grafia dos topônimos. *Cadernos do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*, vol. XI, Nº 5, Rio de Janeiro, 2008.

Nesta costura, em meio a temporalidades, sujeitos, espaços e palavras, destacamos que as motivações da família Fleury, ao viajar até Goiás, em muito se difere daquelas que trouxeram os viajantes Pohl, Saint-Hilaire, Gardner, Castelnau. Mencionamos isso com o intuito de afirmar confluências quando se trata do olhar observador que tanto os naturalistas quanto D. Augusta lançam por lugares onde passaram no interior do Brasil e, particularmente, em Goiás.

Essa direção converge-se ao objetivo de suscitar reflexões que visam às conexões com as interpretações e os conceitos constituídos por um número relevante de pesquisadores dedicados aos estudos da história e da historiografia de Goiás nos séculos XIX e XX. Tais vinculações intencionam dilatar os olhares científicos, especialmente em direção às “explicações intencionais, o significado de conexões gerais e complexas de ações que revelam os motivos de ações determinadas. (...) que pode ser explicado perfeitamente na interpretação de encadeamentos temporais das ações dos homens”¹⁸. Para tanto, analisamos que o passar do tempo e o aumento da distância entre o ponto de partida até a Cidade de Goiás geraram em D. Augusta, estranhamentos que se justificam no estilo de vida urbano, cercado pelos “privilégios” oriundos das cidades consideradas centros políticos e culturais daquela época.

Os itinerários percorridos de Paris ao Rio de Janeiro¹⁹ demonstram os trânsitos culturais adquiridos pela “forasteira” em sua solteirice. Desse modo, sua visão de mundo, inevitavelmente, seria muito contrastante com a visão daqueles de onde D. Augusta deveria residir, devido os laços adquiridos com o casamento.

¹⁸ RÜSEN, Jörn. Reconstrução do passado: Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica. Tradução: Asta-Rose Alcaide. 1 reimpresão, Brasília: Ed. UnB, 2010, p. 34.

¹⁹ “Minha mãe nasceu em Curitiba, quando meu avô, o Conselheiro André Augusto de Pádua Fleury, ali residiu como Governador do Paraná. Mas, viveu a maior parte de sua mocidade no Rio de Janeiro, excetuados os períodos em que o pai, ainda Governador do Espírito Santo e do Ceará, teve que se transferir para aquelas províncias. Adolescente, minha mãe respirou a atmosfera espiritual do grande centro cultural Mundial, que é Paris. Nessa ocasião, meu avô estudava o sistema penitenciário europeu e tomou parte, representando o Brasil, num Congresso de Direito em Estocolmo. De Paris, minha mãe acompanhou a família ao Ceará, onde faleceu minha avó materna. Foi um tremendo golpe que ensombrou de melancolia a mocidade. Regressando ao Rio, meu avô trazia consigo cinco filhos; mamãe, a mais velha, com apenas quinze anos; tio Paulo, o caçula, nascido em Paris, muito criança ainda. Foi preciso internar as filhas mais velhas. No Colégio da Imaculada Conceição, ainda hoje existente na Praia do Botafogo, mamãe e tia Lina (Paulina) concluíram seus estudos. Logo seguiram para São Paulo, onde meu avô ia dirigir a Faculdade de Direito. Foi nessa ocasião que minha mãe conheceu papai, Sebastião Fleury Curado, acadêmico de Direito”. Ver: GODOY, Maria Paula Fleury. Apresentação. In: CURADO, Augusta de Faro Fleury. *Do Rio de Janeiro a Goiás (1896): a viagem era assim*. Goiânia: Kelps/UCG, 2005, pp. 15-16.

Os relatos provocam, em alguns momentos, risos no leitor por tamanha perspicácia na descrição dos episódios transcorridos nessa viagem. Na obra em discussão, encontramos expressões do tipo “a poeira é horrível”, “o pó pegajoso”, “uma cidadezinha no meio do nada”, “fomos rezar numa igreja muito humilde”, dentre outros. Assim, por meio destas subjetividades, capturamos as circunstâncias e realizamos a operação historiográfica “de maneira que o espaço de sua concretização e diferenciação narrativa se amplia de forma permanente”²⁰. Essas descrições do contexto e das dificuldades vividas pelos transeuntes expressam, de algum modo, como viviam homens e mulheres no interior do Brasil em finais do século XIX.

O olhar do outro, indubitavelmente, tornou-se discurso mediador de fronteiras que sedimentaram estereótipos aos lugares em oposição ao mar, neste caso o Brasil Central, denominado como sertão²¹, além do favorecimento das políticas e dos interesses que esses marcos garantiram as elites dominantes dessas localidades.

Para tanto, Curado²² deixou-nos a seguinte descrição que confirma com os paradigmas históricos realçados pela centralidade desta análise e ora se fazem extrínsecos no fragmento que pinçamos quando da chegada à cidade de Goiás:

Passamos a Povoação do rio Bacalhau, sempre descendo, avistando ao alto de uma colina, a capelinha Santa Bárbara. Pedi a Deus que nos abençoasse. O banguê quase vira ao entrarmos na cidade. Já estava escuro quando atravessamos as ruas. Muitos curiosos perguntavam quem ia no banguê; se era gente doente. A cidade de Goiás é toda cercada de morros. No centro está um vale atravessado pelo Rio Vermelho. A entrada é linda, mas perde muito pela situação²³.

²⁰ RÜSEN, Jörn. Reconstrução do passado: Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica. Tradução: Asta-Rose Alcaide. 1 reimpresão, Brasília: Ed. UnB, 2010, p. 104.

²¹ “Desde os tempos coloniais, a categoria ‘sertão’ era utilizada para classificar as regiões não-litorâneas, referindo-se a áreas escassamente povoadas e que tinham como vocação econômica a agropecuária. Em parte da produção historiográfica esse termo/categoria aparece para informar uma realidade oposta àquela vivida nas regiões litorâneas do Brasil. Ou seja, nota-se um discurso que, na maioria das vezes, informa um modo de vida diferente daquele construído em regiões centrais do Brasil”. Ver JESUS, Alysson Luiz Freitas de. O Sertão e sua Historicidade: versões e representações para o cotidiano sertanejo – séculos XVIII e XIX. *História e Perspectivas*, Uberlândia, n. 35, Jul./Dez. 2006, p.255.

²² CURADO, Augusta de Faro Fleury. *Do Rio de Janeiro a Goiás (1896): a viagem era assim*. Goiânia: Kelps/UCG, 2005.

²³ CURADO, Augusta de Faro Fleury. *Do Rio de Janeiro a Goiás (1896): a viagem era assim*. Goiânia: Kelps/UCG, 2005, p. 68.

Tais impressões sobre os “choques” culturais vão ficando cada vez mais nítidas com o passar das páginas desse relato. A partir da chegada a Minas Gerais, que possui proximidade geográfica e cultural com o Estado de Goiás, D. Augusta afirma ter encerrado ali seu traslado em linha férrea. Abriremos mais uma vez destaque para um desses episódios que chamou-nos a atenção:

Afinal. Às 4 horas da tarde, o trem chegou. Trazia apenas 3 carros descobertos e carregados de trilhos. Arrumamo-nos como pudemos. Uns sentados em cima de caixões; outros, em malas, sacos, e seguimos. Abrimos os chapéus de sol. O trem ia numa rapidez terrível e era preciso verdadeiro equilíbrio ginástico para não ser cuspidos para fora do vagão. Numa volta de morro, o Sr. Meireles, que trazia Maria Paula ao colo, caiu com ela em cima mesmo do vagão. O pobre moço machucou-se bastante, mas segurava a criança no ar, de tal modo, que ela nada sofreu. Eu fiquei sem poder falar. Sebastião gritou tão alto – ‘para o trem!’, que logo o maquinista apertou os freios do breque. Se não fora isso, era eles lançados contra o barranco. Até hoje, quando penso nisso, fico com o coração frio²⁴.

Por meio do olhar singular que tributamos ao cientista histórico, as marcas da historicidade desse episódio delineiam a direção das expectativas quanto ao “novo” lugar. Após esse ocorrido, as dificuldades dessa última viagem de trem estavam longe do fim. Desse ponto da viagem, em virtude dos riscos pelos quais passaram, decidem-se por abandonar a “locomotiva” e terminar o trajeto a pé.

Compreendemos que as dificuldades, outras vezes encontradas ao longo da viagem, direcionam alguns conceitos parciais a respeito da realidade dos goianos e seu espaço de vivência. Assim, à medida que analisamos os “inusitados” acontecimentos dos dois meses de viagem, a forma discursiva bastante peculiar, a autora demonstra como os fatos adquiriram certo volume, reforçando a impressão de que havia um distanciamento ou uma frustração sobre o modo de vida que compartilharia doravante, mesmo não dando pistas que conferem sentidos de pertencimento.

Sobre este tema, informamos que os “dormentes” meios de transporte dos goianos só teriam o seu “despertar” anos mais tarde, conforme Barsanufu Gomide Borges²⁵, em sua obra, *Goiás nos Quadros da Economia Nacional: 1930 a 1960*. Esta pesquisa, que examinou

²⁴ CURADO, Augusta de Faro Fleury. *Do Rio de Janeiro a Goiás (1896): a viagem era assim*. Goiânia: Kelps/UCG, 2005, p 33.

²⁵ Cf. BORGES, Barsanufu Gomide. *O Despertar dos Dormentes: estudo sobre a Estrada de Ferro de Goiás e seu papel nas transformações das estruturas regionais: 1909-1922*. Goiânia: Ed. UFG, 1990.

os interesses políticos em “alavancar” a economia agropecuária do Estado de Goiás, encontrou as marcas das descontinuidades históricas seguidas pelos revezes da situação política nacional que causara a morosidade, a instabilidade e o desinteresse pelo ideal de implantação das ferrovias em Goiás.

Desse modo, D. Augusta pode ter sido *testemunha ocular* das discussões entre os embates de poder que envolveram os grupos idealizadores e contrários a essa “arrojada” política “desenvolvimentista”. Porém, ela morreu em 1929, período que antecede as primeiras ações voltadas ao ideal da linha férrea que sequer chegou próxima da antiga capital ou mesmo que o intento tivesse atingido seus propósitos iniciais.

A Estrada de Ferro de Goyaz originou-se do decreto nº 862 de outubro de 1890, em que o Governo decretou, entre outras, as a concessão, sob o regimento de garantias de juros:

- de uma estrada de ferro, prolongamento da Estrada Oeste de Minas que, partindo da estação de Perdões. Fosse a ter à cidade de Catalão, Goyaz;
- de um ramal que partindo da estrada anterior passasse por Araxá e fosse encontrar no prolongamento da Estrada de Ferro de Mogyana;
- de uma estrada de ferro de Catalão e a Fronteira da Bolívia passando pela capital de Goyaz²⁶.

As pesquisas noutras edições do mesmo jornal apontam certo arrefecimento nos intentos citados acima:

Devem-se inaugurar por esses dias as novas estações “Campo Alegre” e “Campo Formoso”, e, segundo estamos informados ainda esse anno pretende o Dr. Balduino d’Almeida enérgico e competente director d’aquella via férrea, inaugurar a estação de teatro. Todos tiveram que constatar o desmanzelo e o descaso com era feito pela falida companhia [...] Se o governo federal não faltar com os devidos recursos financeiros, em poucos annos teremos a Goiás na Capital²⁷.

A mudança dos rumos políticos nacionais, à medida que avançavam os anos da década de 1920, representou desdobramentos pouco otimistas, segundo os registros documentais. Destacamos que, ao suscitar esse aspecto, do ponto de vista situacionista naquela

²⁶ FFSD – Fundação Frei Simão Dorvi “Estrada de Ferro de Goyaz – Relatório do respectivo inspector – Dr. Palhano de Jesus” - O DEMOCRATA: Órgão do Partido Democrata – Anno V, Num. 230; Goyaz, II de Novembro de 1921, p. 03.

²⁷ FFSD – Fundação Frei Simão Dorvi “Estrada de Ferro de Goyaz – Relatório do respectivo inspector – Dr. Palhano de Jesus” - O DEMOCRATA: Órgão do Partido Democrata – Anno VII, Num. 324; Goyaz, 21 de Setembro de 1923, p. 01.

época, objetivamos entrelaçar ao texto aspectos do contexto dessa trama. Desse modo, ressaltar que as diferenças percebidas pela forasteira, com relação ao “desenvolvimento” de Goiás em comparação ao Rio de Janeiro, desembocam nas conjunturas das relações de poder muito mais densas que o objeto em análise nos traduzirá neste artigo. Estas inferências ampliam as possibilidades que vislumbramos para outro ensaio sob este viés e, a nosso ver, são bastante férteis.

Retomamos o direcionamento central da discussão, pois a partir desse ponto, os eixos que problematizam os olhares, a cultura, os espaços articulados aos relatos que apresentamos até aqui, de acordo com Woodward²⁸, conferem a construção das identidades que se fabricam e se reconhecem por meio da demarcação fronteiriça da diferença. Tal ação, visivelmente percebida nos depoimentos que acompanharam os roteiros de viagem da protagonista até Goiás, paradoxalmente, construíram um referencial simbólico para um processo que denominaremos de *exclusão participante*.

Essa prerrogativa, a nosso ver, foi a “opção” da matriarca da família Fleury Curado, que morou em Goiás entre os anos de 1896 e 1929, embora tivesse preferido viver física e simbolicamente, desde a sua chegada em terras goianas, num outeiro distante e particular.

Iluminando Sombras

A definição semântica do termo *sombras*, trazida nos estudos linguísticos, seria em primeira ordem: a interceptação da luz, o obscurantismo. Nesse sentido, trago, no prelúdio, a inquietude: quais luzes a cidade “imaginária” ofuscava em Maria Paula? A profundidade da resposta desafia-nos a um mergulho nos doze contos que compõem a obra, igualmente intitulada pelo conto que encerra essa expressão discursiva, estética e estilística.

Percebe-se que essa trama toma parte da complexidade cognitiva da relação história e literatura ao entrecruzar o saber histórico com a consciência da historicidade que se relativiza nas mãos do historiador a partir da tensão entre o significante, neste caso - a obra *Sombras* - e o significado - que localiza-se nas fissuras encontradas na mesma e que não é o nosso interesse

²⁸ WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis- RJ: Editora Vozes, 2000.

remendá-las. Queremos, a partir deste ponto, aferir e cruzar dados, indicar expectativas de compreensão do que ocorreu no passado cotidiano das mulheres Fleury em Goiás, lugar que certamente serviu de inspiração artística para elas. Dialogando com tais pretensões, por intermédio desta obra literária, lançaremos as luzes ao objeto desta análise, pois problematizar o imaginário e sua relação com o mundo real é uma tarefa historiográfica pertinente à relativização da “verdade” histórica.

As dimensões teóricas desta segunda parte serão norteadas pelas representações dadas no imaginário de Maria Paula. Elas nos induzem às aproximações com as representações sociais concebidas por ela, a contrapelo, nas vivências e no cotidiano social coletivo da Cidade de Goiás após sua vinda com a família do Rio de Janeiro, em 1896. Nesse sentido, a articulação do texto com o contexto favorece possibilidades para “as imagens e discursos não são exatamente o real, enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência a um outro ausente”²⁹, sendo esses vazios as brechas para o historiador produzir o discurso histórico.

Por esta opção metodológica produziremos uma releitura verossímil na qual o fazer social e racional regula encontros com o passado, com as práticas, com o *eu* mesmo, embora interpretá-las requer caminhos de maior rigor:

O fluxo da informação e a produção do saber pela pesquisa são, por princípio, definidos pelas perspectivas determinantes da atribuição de sentido, com as quais o pesquisador vai as fontes. A pesquisa é o trabalho de responder as perguntas históricas. Ela transmuta o empírico e o teórico em histórias concretas³⁰.

Conforme já mencionamos, *Sombras* foi publicado em 1966, todavia se trata, a nosso ver, de intersecções entre as memórias da infância e da juventude que a autora vivera na cidade de Goiás. A ficcionalidade artística desta produção literária não detalha pistas para esta constatação. Suas temáticas localizam-se neste cotidiano social, regadas pelo gênero realista ao escancarar fatos da vida pública e privada deste lugarejo no “sertão”. Sugere-nos, mais uma vez, abordagens de um lugar situado em seu campo mnemônico.

²⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, n. 29, 1995, p. 15.

³⁰ RÜSEN, Jörn. Reconstrução do passado: Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica. Tradução: Asta-Rose Alcaide. 1 reimpresão, Brasília: Ed. UnB, 2010, p. 105.

Em páginas anteriores, mencionamos o lugar social do casal Sebastião Fleury Curado e sua esposa, D. Augusta de Faro Fleury Curado entre as elites. Portanto, as memórias de Maria Paula construíram-se nas vivências, apesar do certo “isolamento” praticado pela educação maternal, neste universo comum baseado em constantes estranhamentos com a cultura praticada localmente. Presumimos, assim, que a veia literária pode ser entendida como um ambiente para extravasar suas subjetividades ao representar o passado do seu próprio mundo da vida.

As culturas da leitura, do letramento, da música, das artes, muito cedo acompanharam essa autora. Ainda no diário de sua mãe, por mais de uma vez, encontramos fragmentos desses saberes autônomos da protagonista que afirma, mesmo em viagem do Rio de Janeiro para Goiás, num episódio ocorrido em Araguari–MG, como estes “dons” manifestos entre os sete ou oito anos de idade foram dignos de evidência:

Agradecemos muito aos Srs. Louzada e Meirelles que se foram, depois que as crianças dormiam alto sono! [...] Fomos nos deitar às duas da manhã, mais mortos do que vivos. As crianças só acordaram no outro dia, 8 horas da manhã. Os Srs. Louzada e Meirelles vieram nos ver e saber como tínhamos passado a noite. Maria Paula ofereceu a estes o seu último retrato com uma dedicatória amável³¹.

Fotografias, conhecimento das letras, educação refinada são alguns dos indícios afirmativos que “está indicado nos hábitos que possuíam, bem como nas ideias e opiniões que revelavam uma maneira diferente de pensar para a época e a localidade onde residiam”³². Ainda segundo esta autora, D. Augusta recluiu em sua vida de mãe e dona de casa, embora fosse ávida leitora de livros e jornais chegados do Rio de Janeiro e proclamou-se mais contida em seus escritos. O que não encontramos na prosa de Maria Paula, possuidora de construções mais ácidas, com articulações próprias e um sarcasmo que lhe é, sutilmente, peculiar em *Sombras*.

A caracterização das categorias de isolamento, sertão, pobreza e abandono percorrem, sem qualquer reserva, essa tessitura narrativa. Estes termos, conforme já observamos, são típicos da representação do ádvena, particularmente em Goiás, no século XIX,

³¹ CURADO, Augusta de Faro Fleury. *Do Rio de Janeiro a Goiás (1896): a viagem era assim*. Goiânia: Kelps/UCG, 2005, pp. 36-37.

³² CAPEL, Heloisa Selma Fernandes. *Literatura Memorialista e Vida Privada no Interior do Brasil. Textos de História*, Brasília, v. 13, 2005, p. 7.

durante situações de similaridade discursiva, conforme já expusemos. Assim sendo, a arte literária, permeada dos fortes traços do gênero realista da escritora materializou-se em proposituras estéticas, permitindo ao leitor atingir uma relação visual com o passado “ficcional” do lugar descrito.

Destacaremos três contos, dos doze existentes, para tecermos reflexões mais agudas neste propósito de “iluminá-los”. Justificamos a escolha dos contos “Os ‘ouros’ de Sinhazinha”, “Obsessão” e “Sombras”, porque eles revelam, com maior ênfase, as características literárias oferecidas nas representações de Maria Paula, norteadoras desta proposta. Não desprezaremos os demais contos que compõem a obra. Afirmamos que eles serão diluídos no interior desta análise, uma vez que a opção de particularizar os mesmos foi contemplada por Capel³³ no artigo “Literatura Memorialista e Vida Privada no Interior Brasil” sendo, portanto, a pretensão deste estudo complementar tal horizonte por meio desta distinção.

No conto “Os ‘ouros’ de Sinhazinha”, a personagem Luciano³⁴, um intelectual acometido por depressão, buscava “outros ares” que pudessem fazê-lo superar tal dilema. O aspecto mórbido da cidade induz Luciano ao sufocamento pelo “silêncio pesado, uma quietude, um torpor, atmosfera de chumbo esmagando a terra”³⁵. Sentimentos considerados recorrentes ao cotidiano no “sertão” das possibilidades pouco atraentes para um forasteiro.

Enxergamos, em certa medida, que as angústias da personagem mesclam-se com as da autora no momento em que a direção da escrita simboliza-nos refúgio e lamento do próprio eu-lírico, materializado pela experiência de similaridades outrora vividas e lembradas nestas representações. O trecho abaixo descreve esses sentimentos que, para nós, significa uma descrição destorcida de si mesma: “Bisonho, retraído, desconfiado, com acessos bruscos de melancolia, Luciano sentia-se naturalmente afastado daquela gente desconhecida que não lhe interessava e cujas palestras não iam além da mesquinha maledicência local. Por isso, trancava-se no quarto para ler”³⁶.

³³ CAPEL, Heloisa Selma Fernandes. *Literatura Memorialista e Vida Privada no Interior do Brasil. Textos de História*, Brasília, v. 13, 2005.

³⁴“(Maria Paula utiliza com frequência este nome: Lúcio ou Luciana são sempre “os que trazem a luz” ao ingressarem na escuridão que a cidade representa)” (CAPEL, 2005, p. 5).

³⁵³⁵ GODOY, Maria Paula Fleury. *Sombras*. Contos. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1966, p. 36.

³⁶ GODOY, Maria Paula Fleury. *Sombras*. Contos. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1966, p. 36.

Não seria esta descrição uma prática cotidiana da autora? Se balizarmos o modo de educação, imprimida por D. Augusta à filha, torna-se mais clara a compressão desta evidência de historicidade que se dá, segundo Alberti³⁷, quando as identidades são conservadas e transmitidas de geração em geração ao conservarem o que é fragmentado numa teia de posições generalizantes.

Essa reflexão, a nosso ver, coaduna com os sentidos explicitados na estética discursiva de Maria Paula e clarifica-nos que o exercício de “tentar reconstituir o real é reimaginar o imaginado [...] no seu resgate do passado podem chegar a algo que seja uma representação”³⁸. Sustentamos, assim, que o ato de representar é, nada mais, nada menos, que formular modelos dados sobre algo de que apropriamos pelas práticas sociais, tornando-as passíveis de variadas formas de evocação mimética.

Ainda analisando o conto em debate, Luciano passou a “interagir” com “gente” morta, assombração. Segundo o texto, esse “encontro” metafísico com a inusitada moça e, unidos à atmosfera “doentia” do lugar, contribuí para que Luciano atinja a loucura:

Noites intérminas, em que a cidade mergulhava na treva espessa, tumular, e todas as corujas na terra se davam *rendez-vous* sobre os telhados, pontuando o silêncio dos pios agoueiros. Luciano sentia-se doente. Cada vez mais deprimido, mais nervoso. Numa grande obsessão pela moça do sobrado. Era uma ideia fixa que não o deixava dia e noite, tirando-lhe o sono e a tranquilidade³⁹.

Seriam essas algumas das *Sombras* que “atormentavam” Maria Paula? Seria a tal “sinhazinha” a mesma que enterrou seus “ouros” da intelectualidade e do refinamento cultural para seguir o marido e dedicar-se à vida em família, num lugar distante e avesso ao seu eu?

Para tanto, licenciemo-nos do pensamento de Chartier (1987) que postula sobre o ato da releitura histórica como um procedimento descontínuo interligado às relações que o indivíduo impregna primeiro em suas esferas particulares e, posteriormente, pelos deslocamentos universais que também o afetam. Desse modo, algumas destas matrizes exigem

³⁷ ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar: textos em História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

³⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, n. 29, 1995, p. 17.

³⁹ GODOY, Maria Paula Fleury. *Sombras*. Contos. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1966, p. 39.

do discurso histórico uma ação filosófica que vise traduzir as representações diversas, neste caso expressas na obra *Sombras*, tramada, a nosso ver, em teias relacionais.

Continuando na direção escolhida, o conto “Obsessão” trata de uma narrativa trágica de uma mulher chamada Glorinha, que, obsidiada por Luiza, comete suicídio. A morte, a vida após a morte, a relação da morte com os vivos são temas recorrentes nestes e noutros contos dessa obra. Seria relacional a ficção dos contos com as impressões da realidade em que a autora vivia? O que seria morrer na visão de Maria Paula?

No próprio conto “Obsessão”, temos uma pista para responder parcialmente tais questionamentos. Daí, as discussões de gênero se avolumam sob a perspectiva trazida nesta abordagem, justificando a intenção do por que viemos ressaltá-lo. Glorinha, segundo o texto, era uma moça bem apessoada e logo despertou a atenção de Quim, um barbeiro que, ao chegar à cidade, abriu um salão em um cômodo alugado na casa da quarentona, Luiza, cunhada de Glorinha, que após a morte do irmão, passou a viver dias atroztes nas mãos da dona do imóvel.

O interesse de Quim por Glorinha fora imediato. Godoy⁴⁰ afirma que: “Glorinha estava doida para casar seja com quem fosse, pois não aguentava mais a ruindade da cunhada e precisava sair da casa do irmão”. O boato da frieza da cunhada quanto ao noivado de Glorinha corria a cidade na mesma medida em que Luiza espalhava maledicências sobre a cunhada depois de formalizado o noivado. Tudo corria como se prevê este tempo dos preparativos até que, “um dia, na semana do casamento, uma notícia espantou toda a gente; Luiza bebera veneno e morreria sem dizer uma palavra”. Percebemos, neste conto, que a “morte” física não expõe a existência, nesta sociedade, de padrões que simplificavam a vida de uma mulher à busca de um pretendente ao casamento e que esta era o principal e único caminho de não exclusão do feminino nesta sociedade. O referencial masculino passa a ser, na vida de ambas as personagens, um ideal distinto de redenção. Uma, para sair da vida de opressão pela solteirice. A outra, já em idade “avançada” para os padrões sociais, fugir à sentença da solidão eterna a qual muitas mulheres foram acometidas naquela época. Nesse sentido, os estereótipos, a

⁴⁰ GODOY, Maria Paula Fleury. *Sombras*. Contos. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1966, p. 78.

invisibilidade e os silêncios percorreram a vida de muitas mulheres, inclusive atestamos tal “verdade” a partir da historiografia de Goiás, a exemplo do estudo sobre Consuelo Caiado⁴¹.

Ainda sobre a mulher, a sociedade, o casamento e a cultura, Bruhns⁴² afirma que “embora as concepções relativas à mulher façam parte de um modelo de dominação, são concomitantemente interiorizadas pelas próprias mulheres”. Enxergamos tal prerrogativa quando a “disputa” pelo espaço social e outras “conquistas” para Glorinha e Luiza adviessem, para elas, do casamento com Quim. O paradigma da mulher mais nova, Glorinha, com o homem mais velho, Quim; ou ainda a busca de Luiza por outro casamento antes que, de acordo com Godoy⁴³, a beleza e a exuberância de uma mulher que aparentava ter dez anos a menos da certidão explicitam o modelo de valorização do poder masculino introjetado, inclusive, entre as personagens.

A compressão de si mesma era algo distante da realidade de mulheres como Glorinha, pois na visão da autora:

Glorinha não era mulher para um lugar daqueles: três ou quatro armazéns; três botequins, uma loja, uma escola, a agência postal e uma igreja branca, no alto, dominando o povoado, onde, uma vez por ano, pela festa da padroeira, havia missas, casamentos e batizados. No mais, o ar pesado, a solidão, o silêncio, a escuridão das noites sem luar e a existência apática das moças, escravizadas ao serviço doméstico, sem nenhum contato com o mundo civilizado, tendo, como única distração um namoro furtivo com algum fazendeiro ignorante, ou boiadeiro brutal, um e outro convencido de sua superioridade incontestável de representante de sexo mais forte⁴⁴.

O conceito da pequenez desta cidade de interior, descrita pela autora, é evidente ao leitor. Em meio a personagens, a tessitura linguística, a estética representada em conjunto faculta-nos um campo de visualidade que complementa a performance literária de Maria Paula. De tal modo, o funesto desfecho deste conto se dá na loucura de Glorinha, atormentada pela cunhada falecida, que buscou também no suicídio o seu fim. Dessa forma, perpetua-se a condição de uma cidade, sob a ótica literária, imersa em *Sombras*.

⁴¹ Cf. KOFES, Suely. *Uma Trajetória, em Narrativas*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2001.

⁴² BRUHNS, Heloisa Turini. Os corpos femininos na relação com a cultura. In: ROMERO, Elaine (org). *Corpo, Mulher e Sociedade*. Campinas –SP: Papyrus, 1995, p. 79.

⁴³ GODOY, Maria Paula Fleury. *Sombras*. Contos. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1966.

⁴⁴ GODOY, Maria Paula Fleury. *Sombras*. Contos. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1966, p. 76.

Dirigindo-nos ao conto que intitula a presente obra, Maria Paula salienta um olhar pouco obtuso ao campo das espacialidades desse lugarejo. Sendo este o conto mais extenso, comparado aos outros que compõem o livro, as referidas “Sombras”, mais uma vez, transparecem-nos como memórias de tenra idade. A leitura deste conto nos reporta, de certa forma, ao diário de D. Augusta, pois a autora narra acontecimentos que transcorreram entre os meses de dezembro a fevereiro, um longo período de férias que a personagem passou ali dedicando-se, sobretudo, a minimizar o tédio, registrando as perplexidades sobre o espaço e o dia a dia, subjetivamente.

Logo nas primeiras páginas, nos é apresentada a visão da chegada ao destino de férias; era para uma “triste cidadezinha do interior” onde “eis a primeira rua, larga como uma avenida, toda calçada de lajes, cheia de casarões antigos, fechados e silenciosos, com longos beirais sombrios, projetando manchas escuras sobre as pedras brancas do pavimento”⁴⁵. O encontro do visitante com os parentes locais destaca indicativos dos choques visuais e das representações pejorativas sobre os moradores do interior, especialmente, quando os primeiros a serem vistos são a avó distante e a tia solteirona. Sobre essa tia, especificamente, retoma-se a discussão do lugar social da mulher no espaço sertanejo, tema recorrente em outros contos. Neste caso, salienta-se que a tia Joaquina “nascera feia e fora feia a vida toda. Passara a mocidade sem nada pedir, mas servindo todos”⁴⁶ como era comum na vida daquelas “rejeitadas” para o casamento, principal galardão de uma moça solteira, sobretudo, nos lugares longínquos no começo do século.

A trama denuncia ainda que, nas cidades sertanejas, existiam “códigos” de postura para se avaliar uma “boa” pretendente ao casamento e como a definição de tais “regras” alimentava a maledicência local reforçada, em sua maioria, pelas próprias mulheres dessa sociedade. É curioso imaginar a teia discursiva da obra conflitando, em alguma medida, com as concepções da própria autora, adquiridas nas leituras contidas na maior biblioteca particular da cidade de Goiás.

⁴⁵ GODOY, Maria Paula Fleury. *Sombras*. Contos. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1966, pp. 120-121.

⁴⁶ GODOY, Maria Paula Fleury. *Sombras*. Contos. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1966, p. 121.

Assim, os deslocamentos da “modernidade”, que sopravam em direção aos ideais políticos de transferência da capital para Goiânia, nos anos de 1930, já se faziam presentes quanto aos antagonismos do lugar da mulher. Inclusive para a própria autora, que desde cedo contrastava Goiás sob a visão do “atraso” e do “moderno” por meio dos jornais e revistas que chegavam até ela, vindos da então capital federal. Após a ascensão do *Estado Novo*, a transferência da capital goiana vislumbrava, para muitos, o “novo”, e simbolizava para algumas mulheres como Maria Paula, uma possibilidade de romper com os padrões reservados aos lugares arraigados do *habitus* sertanejo. Portanto, Goiânia tomar-se-ia um lugar para outras utopias. Acreditamos que com a morte de D. Augusta, em 1929, rompem-se vínculos afetivos e, possivelmente, políticos⁴⁷, pois os anos 30 foram de recomeço num lugar oposto a “Goiás, uma cidadezinha triste, sem iluminação, sem água encanada, sem o menor conforto, afinal, e que ficava no “fim do mundo”⁴⁸.

Reavaliemos, a partir do conto, que o cotidiano percebido no curto tempo das férias da personagem faz com que a escrita seja para si uma “válvula de escape”. Nos relatos, encontramos o desalento que oscila o humor do forasteiro constantemente, mesmo que sejam tempos festivos alusivos às comemorações de fim ano:

Quinze dias! Meu Deus! Parece-me que estou aqui a 15 anos e que esses quinze anos atuaram com tal força sobre o meu cérebro e o meu coração, que meu passado é uma história vulgar, lida há muito tempo e que já não interessa; e que sou um outro e não aquele impetuoso rapaz cheio de ambição, ansioso para terminar o curso de medicina, fazer carreira e adquirir fortuna depressa custe o que custar... Minha vida é de uma uniformidade aterradora e eu vou me deixando viver, ou antes vegetar, sem sonhos, sem aspirações, sem vontade e sem pressa, acompanhando preguiçosamente a lenta fuga das horas⁴⁹.

⁴⁷ O foco deste não é a trajetória de Maria Paula e sim a representação sobre o interior de Goiás em suas obras. Porém ao afirmamos sobre os motivos políticos encontramos no relatório de Pedro Ludovico justificando a Getúlio Vargas os motivos para a transferência da capital apresentou em sua comissão mudancista nomes da família Fleury nesta “nova” estrutura de poder em Goiás. Este pode ser um indicio de que a rejeição de Maria Paula a antiga capital faz com que sua direção tivesse sido a mesma. “O local que se destina à fundação da cidade, foi escolhido por comissão composta dos Srs. Dom Emanuel Gomes de Oliveira, arcebispo de Goiás, Coronel Pirineus de Souza, conceituadíssimo oficial do Exército, comandante do 6º BC de Ipameri, Dr. Laudelino Gomes, Diretor Geral do Serviço Sanitário do Estado, Antônio Augusto de Santana, comerciante nesta Capital, Dr. Jerônimo Curado Fleury, engenheiro eletricitista, e o Dr. Colemar Natal e Silva, advogado (CAMARA, 1973, p.57).

⁴⁸ GODOY, Maria Paula Fleury. Apresentação. In: CURADO, Augusta de Faro Fleury. *Do Rio de Janeiro a Goiás (1896): a viagem era assim*. Goiânia: Kelps/UCG, 2005, p. 17.

⁴⁹ GODOY, Maria Paula Fleury. *Sombras*. Contos. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1966, p. 132.

Torna-se quase incontestável a ideia de que a visão de preconceito da autora, associada à visão dos estrangeiros, em viagem por lugares similares, reforça o discurso da lentidão, da preguiça, do ócio, associados ao sertanejo ao ponto que tais “males” seriam contagiantes ao personagem paulista, de raízes no “sertão”. Indagamos, por este sentido, se a representação desse personagem, um jovem advogado, formado na Faculdade de Direito, no largo de São Francisco, poderia ser Sebastião Fleury Curado, pai da autora? Capel⁵⁰ afirma que “as obras escritas por essas duas escritoras estão plenas de historicidade” e este pode ser outro exemplo análogo, como sugerimos no conto “Os ‘ouros’ da sinhazinha”, com relação a D. Augusta, como o real na ficção.

Como ponto fulcral desta discussão, afirmamos que os estereótipos construídos nos apresentam dados pelos quais enxergamos que não são frutos apenas da imaginação ficcional na produção literária. Maria Paula deixa-nos claro, nas últimas páginas desta obra, que as representações por ela construídas e constituídas em suas personagens, com destaque para o conto “Sombras”, estariam localizadas no cotidiano dos “dias de tédio passados na pequenina cidade goiana”⁵¹.

O nome da cidade não é revelado. Não obstante, por verossimilhança interpretamos esse “silêncio” coberto de sensibilidades como uma informação claramente audível e visível.

Considerações Finais

Na tentativa de entrecruzar as duas obras estudadas, buscou-se também apontar para os vértices e para os distanciamentos, embora paralelos, que os discursos narrados por essas mulheres foram demarcadores de sua (s) identidade (s). Alinhavados sob o viés da cultura, buscamos ressaltar como a relação História, Memória e Imaginário empreendeu, neste estudo, pistas para enxergar o passado por dimensões intertextuais, sendo que a atitude hermenêutica suscitou problematizações que nos aproximam de uma representação histórica sobre Goiás, no entre século, com diferencial deste olhar ter partido da ótica feminina.

⁵⁰ CAPEL, Heloisa Selma Fernandes. Literatura Memorialista e Vida Privada no Interior do Brasil. *Textos de História*, Brasília, v. 13, 2005, p. 13.

⁵¹ GODOY, Maria Paula Fleury. *Sombras*. Contos. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1966, p. 163.

Para Woodward⁵², a identidade está vinculada às condições sociais, materiais e simbólicas. As mulheres Fleury em estudo contemplam, simultaneamente, estas conexões ao mundo social, pois as condições financeiras por si só já as colocavam em lugar de privilégio nesse contexto social interiorano, marcado pela relação de poder por meio das posses. Todavia, a relação simbólica ou o poder simbólico referente ao saber, ao conhecimento, acentuava as diferenças, de modo que a relação social por elas vivida foi de constante demarcação desses limites. O apelo à diferença ressaltava-se no discurso crítico e parcial sobre esse espaço de experiências que transitaram entre o real e o imaginado como escape das continuidades marcadoras do cotidiano desse lugar de memórias que denotaram ao leitor e, principalmente, ao historiador, sinais de rejeição.

Vimos, até aqui, sublinhado as concordâncias entre D. Augusta e Maria Paula, na análise que fizemos entre seus discursos. Contudo, a nosso entender, algo diferencia as duas autoras, especificamente, neste olhar que lançamos sobre as obras destacadas neste artigo. O diário de viagem relatou sobre lugares e acontecimentos com a desproporção já mencionada anteriormente. Mesmo assim, chamou-nos a atenção o trato de D. Augusta com os sujeitos mencionados em seus relatos os quais são, quase a totalidade, reportados por ela de forma cuidadosa e gentil.

Diferentemente, Maria Paula expôs, de forma nada comedida, as críticas à população local pelos seus hábitos peculiares, tidos para ela como vícios da cultura do iletramento, da maledicência, do ócio, da pobreza material e de espírito que rondavam o dia-a-dia dos moradores. Apenas suas personagens centrais, todas elas forasteiras, estariam nesta cidade por algum motivo particular, logo se isentaram das adjetivações da autora.

Muito embora D. Augusta se apresentasse contida em seus relatos, possivelmente pela realidade familiar que a trouxera para Goiás e, dentre as muitas dificuldades encontradas nos quatro meses de seu traslado, as representações sociais construídas em Maria Paula, seguramente, foram frutos da parcela contributiva que a educação maternal forjou, pois afirma

⁵² WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis- RJ: Editora Vozes, 2000.

que “não é preciso dizer que nunca soubemos o que era uma babá. E aquelas oito crianças endiabradas pareciam títeres, obedecendo cegamente, quando a mãe dava uma ordem”⁵³.

Em Maria Paula, a correlação autor, obra e personagens tiveram como ponto de encontro a posição de observador que emitiu juízos de valor sobre algumas das atitudes “comuns”, neste caso, ao mundo social, imaginado ou não pela autora, que potencializou a inspiração literária. A escritora dedicou à obra *Sombras*, de 1966, à memória de seus pais. Portanto, tal declaração nos conferiu que as memórias sensíveis do seu passado repousaram em terrenos movediços e quiçá seja este o motivo pelo qual tutelamos esta fonte para dar, ao *não dito*, lugar de fala e interpretação por meio da *epistême* histórica.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar: textos em História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. Saint-Hilaire, Pohl, Gardner e Castlenau: a exoticalização da província de Goiás e a grafia dos topônimos. *Cadernos do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*, vol. XI, Nº 5, Rio de Janeiro, 2008.

BORGES, Barsanufio Gomide. *O Despertar dos Dormentes: estudo sobre a Estrada de Ferro de Goiás e seu papel nas transformações das estruturas regionais: 1909-1922*. Goiânia: Ed. UFG, 1990.

BRUHNS, Heloisa Turini. Os corpos femininos na relação com a cultura. In: ROMERO, Elaine (Org.). *Corpo, Mulher e Sociedade*. Campinas –SP: Papyrus, 1995.

CAPEL, Heloisa Selma Fernandes. Literatura Memorialista e Vida Privada no Interior do Brasil. *Textos de História*, Brasília, v. 13, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel – 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006.

CHARTIER, Roger. *História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1987.

CURADO, Augusta de Faro Fleury. *Do Rio de Janeiro a Goiás (1896): a viagem era assim*. Goiânia: Kelps/UCG, 2005.

⁵³ GODOY, Maria Paula Fleury. *Sombras*. Contos. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1966, p. 13.

FFSD – Fundação Frei Simão Dorvi “Estrada de Ferro de Goyaz – Relatório do respectivo inspector – Dr. Palhano de Jesus” - O DEMOCRATA: Órgão do Partido Democrata – Anno V, Num. 230; Goyaz, II de Novembro de 1921.

GODOY, Maria Paula Fleury. Apresentação. In: CURADO, Augusta de Faro Fleury. *Do Rio de Janeiro a Goiás (1896): a viagem era assim*. Goiânia: Kelps/UCG, 2005.

GODOY, Maria Paula Fleury. *Sombras*. Contos. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1966.

KOFES, Suely. *Uma Trajetória, em Narrativas*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, n. 29, 1995.

RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado: Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica*. Tradução: Asta-Rose Alcaide. ed. UnB, 2010.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem à Província de Goiás (1779-1853)*. Trad. Regina Regis Junqueira, apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis- RJ: Editora Vozes, 2000.